

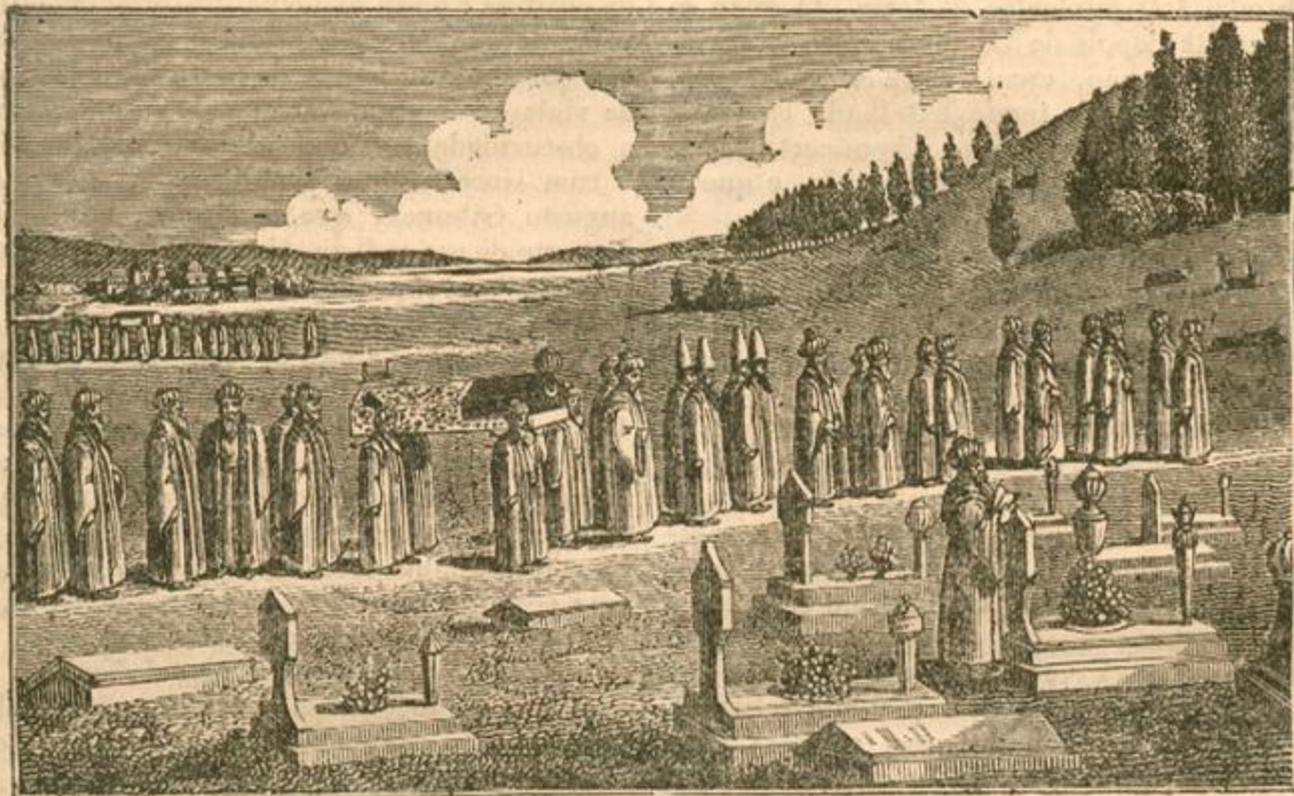
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (MAIO 27 , 1837.



ENTERRO TURCO.

CEMITERIOS E RITOS FUNEBRES NA TURQUIA.

Nas diversas regiões da terra, um sentimento interessante e profundo acompanha sempre as ceremonias e ritos da sepultura. Poucas pessoas ha dotadas de tal insensibilidade, que possam contemplar indifferentes o acto melancholico, em que o frio e silencioso sepulchro recebe os restos de algum ente humano. Podemos suppor que a reflexão nessas occasiões surprehende até os mais descuidados; e que, ao verem fechar-se o circulo de uma vida, no exemplo do visinho, ou do amigo, os homens passam naturalmente a considerar no termo da sua propria existencia.

Todos os povos dão importancia ás honras funerarias, ainda que, pelas crenças, são diversas, e no apparatus mais ou menos solemnes. Porém na Turquia andam tão annexas ás localidades e ritos sepulchraes a pompa e gravidade, que apenas lhe igualam os paizes christãos. Lá são os mortos, no geral, enterrados em cemiterios bastante espaçosos, adjacentes ás cidades, e outras povoações. Semelham duas cidades collocadas a par; — a cidade da vida — e a morada dos mortos. E quanto o numero dos povoadores desta não excede ao da outra!

Os cemiterios ottomanos nos arrabaldes de Smyrna cobrem mui consideravel porção de terreno. Podem facilmente distinguir-se de longe pela alta e sombria falange de cyprestes, que são sempre os companheiros favoritos dos tumulos na Turquia. Os Judeus tambem pela sua parte tem coberto a superficie de um grande cabeço, sobranceiro ás visinhanças da mesma cidade, com pedras, que denotam os sitios onde os restos caducos dos seus defuntos patricios estão depositados. Este lugar, destituído de uma unica arvore, apresenta uma solidão, e mostras de abandono, que faz vehemente contraste com as sombras espessas e regular belleza do local dos cemiterios turcos. Com

Vol. I.

effeito, parece que alli, até na morte, não estão os Judeus isentos daquella ignominiosa distincção, a que não poderam esquivar-se em vida.

E' cousa muito do uso dos Turcos, e nações orientaes plantar um plátano pelo nascimento de um filho, e um cypreste pela morte. São duas allegorias, e tanto a folhagem graciosa, e dilatados ramos da primeira arvore, como a verdura melancholica da segunda, revestem de certo colorido e expressão poetica este pensamento. E' forte alli o predominio das imagens; é toda assim a linguagem do Oriente.

O iman escolhido para recitar as orações pelos mortos, ou pelos vivos, executa isto com uma solemnidade capaz de inculcar influencia sua sobre o nascimento da creança, ou sobre o futuro destino do que falleceu.

As ceremonias religiosas, que se seguem aos ultimos momentos de um Ottomano, são de caracter tão particular, que não resistiremos á tentação de as referir.

Na alcova do fallecido admittem-se todas as pessoas, [que se apresentam para lhe dizerem o eterno adeus. Seguem-se depois as assembléas da familia mais pausadas e meditabundas, e cada um por seu turno se ergue, e recita uma especie de oração funebre, breve, mas entremeada dos lances particulares da vida do defunto. Findo tudo isto, é lavado o cadaver com aromas, e enfaxado como as mommias, sem lhe deixarem nem o rosto descoberto: concluida esta cerimonia o mettem na tumba com muitos perfumes. Então os circumstantes todos se erguem ao mesmo tempo, e se encaminham para o logar da sepultura, com ordem, e recolhimento d'espirito.

Apeada a tumba á beira da cova, dispostos em circulo os assistentes, o iman exige silencio, manda cessar o lamento, e annuncia que tem cousas que communicar ao morto: todos se calam, como se a verdadeira dôr podesse obedecer a intimações que se lhe façam. De joelhos á ilharga do esquite, curvado,

em voz submissa diz o iman ao cadaver o que ha de fazer quando encontrar no caminho o espirito maligno, que não deixará de interroga-lo sobre as varias circumstancias de sua vida, e ácerca da sua probidade e religião. Finalizada a instrucção, ergue-se, declara aos espectadores que o defunto se acha na melhor disposição tocante á futura vida, e o corpo é deitado á cova, depois de cada parente ou amigo ter atirado á tumba tres punhados de terra. O iman se prostra novamente depois de tapada a cova, e applicando o ouvido ao chão, escuta para se convencer, segundo diz, se o defunto tendo batalhado contra o anjo da morte alcançou a victoria; e bem certificado, clama que o espirito das trévas foi vencido, e que o morto *vivirá eternamente*.

As sepulturas são fundas, distinctas, e separadas umas das outras. Sobre os tumulos collocam duas columnas pequenas, ou dois pedaços compridos de marmore, lavrados toscamente; um á cabeceira, e se é de homem com um turbante; e outro aos pés, sem adorno: sendo de mulher, a inscripção o indica.

Póde dizer-se que os arredores de Constantinopola são um vasto cemiterio pelos muitos e mui dilatados que ha; e são estes os unicos passeios daquella capital: ruas bem traçadas, e a concorrência de gente os fazem tão agradaveis quanto podem se-lo tumulos e bosques de cyprestes.

A plantação de um cypreste sobre o tumulo é em Constantinopola uma especie de cerimonia religiosa, que recorda a simplicidade das eras remotas. Um iman, com as vestes ricas, recita as orações destinadas, no emtanto as mulheres acoradas ao redor da sepultura repetem os versiculos em voz baixa, batem no peito, e derramam copiosas lagrimas.

Por este uso universalmente consagrado entre os Turcos, os cemiterios musulmanos se convertem em legitimos bosques.

O mais bello e o mais curioso é incontestavelmente o de Scutari, na costa da banda da Asia. Conforme uma profecia, que dizem ser do seu Mafoma, os Musulmanos hão de vir a ser um dia expulsos da Europa: eis-aqui porque os fieis crentes de Stamboul querem ser enterrados na costa da Asia, que lhe está fronteira, para que as suas cinzas não sejam profanadas pelos inimigos natos da sua religião.

INQUISIÇÃO D'ESTADO DE VENEZA.

BASTANTE tem sido conhecida em o nosso paiz a Inquisição religiosa, tanto deste reino como dos estranhos, temida nos tempos de seu dominio por suas repetidas atrocidades, e detestada depois da sua extincção pela completa noticia que alcançamos das suas tyrannias, correndo hoje vulgarmente infinidade de escriptos que inspiram justo horror a tão nefanda instituição: mas ainda ninguem, que nós saibamos, tratou na linguagem patria de uma Inquisição de especie diversa, se bem que não menos temivel, creada e alimentada no seio dessa Republica, que tão enfaticamente denominou a sua capital, a rainha dos mares, por ser o emporio do commercio da India, antes que nós os Portuguezes commettessemos e levássemos a cabo a inaudita façanha de dobrar o cabo tormentoso. Era nessa mesma cidade, situada sobre o Adriatico [Veneza, a capital da Republica do mesmo nome, que tão famosa se fez pelo commercio, como por continuas desavenças com os Papas, e os Imperadores] que existia e dominava o tribunal espantoso, chamado = Inquisição de Estado =, que vamos noticiar aos nossos leitores. E' de poucos annos a esta parte que possuímos alguma informação

certa a respeito de sua origem, e das constituições, ou estatutos, que regulavam seus procedimentos; porque até as averiguações de Daru, que desencantou alguns preciosos manuscriptos encerrados na Bibliotheca Real de Paris, tudo o que dizia relação a esta materia andava envolto em obscuridade impenetravel. Os escriptores Venezianos tocaram o ponto com melindre e circumspecção, e o abandonaram com timida presteza: o seu principal historiador civil falla brevemente daquella misteriosa organisação, da veneração que lhe era devida da parte de todos os cidadãos, da violação de um dever quando intentassem penetrar a obscuridade, que o envolvia; e conclue declarando: "com sinceridade e simplicidade, para gloria deste augusto tribunal, que se Roma, tão admiravel no restante de sua policia, tivesse estabelecido uma igual magistratura, poderia sempre existir segura das corrupções, que occasionaram a sua ruina."

A Inquisição de Estado foi estabelecida por um decreto do Conselho Maior, datado de 16 de Junho de 1454, em virtude do qual o Conselho dos Dez, em consequencia da difficuldade resultante de reunir seus membros em toda e qualquer occasião em que os seus serviços se requeressem, são authorisados para escolher tres Inquisidores de Estado — dois da sua propria corporação, e um do Conselho do Doge: exercitando os primeiros, que da côr de suas vestiduras de etiqueta eram denominados *I Neri*, os Pretos, as suas novas funcções por um anno; e o ultimo, por igual motivo chamado *Il Rosso*, o Roxo, ou Vermelho, gozando-as por oito mezes sómente, por serem estes dois periodos os da duração de seus respectivos cargos originarios.

Os poderes delegados pelo Conselho dos Dez são estabelecidos concisamente n'outro decreto, o da sua posse, lavrado tres dias depois, pelo qual os Inquisidores são investidos de toda a plenaria authoridade possuida por seus eleitores, sobre toda a pessoa, de qualquer jerarquia que seja, na Republica, quer seja cidadão, quer nobre, ou ecclesiastico, ou ainda mesmo algum dos proprios Dez; sobre todos os individuos em uma palavra, que podessem por qualquer via expôr-se a merecido castigo. As penas que podiam impôr ficavam inteiramente a seu arbitrio, e se estendiam até á capital, por execução, ou publica, ou secreta. Cada membro de per si podia instruir todos os preparatorios do juizo, mas a sentença definitiva só podia ser pronunciada por unanimidade de votos. Tinham á sua disposição medonhos calabouços, ou debaixo de tectos forrados de chumbo [*I Piombi*], ou inferiores ao nivel dos canaes, nos subterraneos do palacio [*I Pozzi*]: e guardavam as chaves do thesouro dos Dez, sem que fossem responsaveis pelos dinheiros, que extrahiam. Todos os governadores, commandantes, e embaixadores nas côrtes estrangeiras eram obrigados a prestar-lhes obediencia. Era-lhes permittido regular seus proprios estatutos, com poder para os alterar, supprimir, ou addicionar de tempos a tempos: e para effectivamente evitar os principaes motivos de revelação do seu segredo, nenhum *Papalista*, isto é, nenhum que contasse ecclesiasticos entre as suas intimidades, ou fosse por qualquer fórma interessado para com a Côrte de Roma, era elegivel para Inquisidor de Estado, posto que pertencesse ao Conselho dos Dez.

As regras que os Inquisidores seguiam, como norma no exercicio das suas extensas funcções, acham-se em os estatutos. "Estes decretos, diz o escriptor dos *Sketches from Venetian History*, são as unicas ordenações postas em escriptura, em que um corpo legislativo se atrevesse a erigir um codigo sobre manifestas bases de perfidia, e de assassinio. Tambem nunca o espirito do mal estabeleceu tão livre trafico para o

commercio do crime — tão amplo fundo para os homens poderem permutar iniquidades; — jámais houve tão plenamente authorisado o commettimento de um damno certo e irremediavel, na alternativa de um bem questionavel e ambiguo; — nunca se viu toda a generosa emoção do instincto moral — toda a maxima acreditada das obrigações sociaes, tão aviltada e sujeita ao fatal jugo de uma supposta vantagem politica. Os Estatutos da Inquisição de Estado de Veneza, apresentados agora aos olhos do mundo, excedem a quanto tem produzido a perversidade humana, premeditando, e deliberando maldades systematicas, estremes, e não disfarçadas. Estes Estatutos foram dados á luz a primeira vez pelo Conde Daru na sua *Historia de Veneza*, onde os imprimiu no original veneziano, acompanhados de uma traducção franceza. O autographo deste codigo era escripto inteiramente pela mão de um dos Inquisidores; e estava encerrado n'uma boçeta, e a chave, guardava-a cada um dos tres magistrados por seu turno. Na parte de fóra declarava que todo o procedimento do Tribunal se conservasse em segredo, e que nenhum Inquisidor dêsse demonstrações de o ser por algum signal externo: pois que a vantagem para o serviço do Estado era considerada restrictamente proporcional ao mysterio, que envolvia o tribunal. Daqui vem que as citações, ordens de prisão, e outros papeis, eram publicados em nome dos Dez; e as suas investigações eram dirigidas, e os juizos pronunciados pelos Secretarios. Se a parte accusada, depois da prisão, escapava á condemnação, o que raras vezes succedia, vinha a saber a sua absolvição e soltura, não por uma sentença directa, mas por uma aspera reprehensão do carcereiro: — “Que faz vossê aqui? . . . já para fóra” era a saudação com que o tal cerbéro entrava no quarto do preso a quem se restituia a liberdade. Procuravam-se espias com altissima diligencia em todas as classes, artistas, cidadãos, nobres, e religiosos: e suas recompensas eram graduadas por tal maneira, que mais servissem de excitar de continuo, do que de saciar absolutamente a expectativa de as receber. O escrupuloso melindre da honra, que este bando de Judas fingia prezar, era respeitado com particular delicadeza: porque se alguém os insultasse, em termos que podessem entibiar o seu zelo, e impedir o addicionamento de outros a semelhante emprego, ou lhes chamasse espias dos Inquisidores de Estado, a pessoa que tal praticasse seria capturada, e apoleada, até que revelasse porque modo obtivera tão perigoso conhecimento, e depois castigada ao arbitrio do Tribunal.

Os Estatutos da Inquisição de Estado podem coordenar-se em duas grandes classes, a saber, os que respeitam aos Embaixadores estrangeiros residentes em Veneza, e aos Embaixadores venezianos nos paizes estrangeiros; e em segundo lugar, os regulamentos de policia interna. Eram especialmente determinadas providencias numerosas respectivamente á observação dos Ministros estrangeiros; e o fim principal parece ter sido impedir a comunicação entre elles e a nobreza nacional. Quatro espias, pelo menos, desconhecidos uns dos outros, escolhidos todos das classes inferiores, eram destinados para vigiar cada Embaixador residente em Veneza. A sua primeira tentativa era sobre os Secretarios, a quem se podia prometter um amplo estipendio mensal unicamente pela revelação de qualquer occulto commercio entre seus amos e algum nobre; as pessoas mais aptas para estas confidencias, eram os Frades e os Judeus, porque tanto uns como os outros, dizem os Estatutos, alcançam entrada em toda a parte. Se um espia ordinario era insufficiente para penetrar os segredos diplomaticos, insinuavam a algum Veneziano condemnado a degre-

do, que procurasse asylo em casa do Embaixador, promettendo-se-lhe logo a immunição da perseguição do governo, e uma recompensa futura proporcionada ás suas descobertas. O asylo deste modo era um manifesto pretexto; mas como o privilegio era na realidade concedido pelo Direito das Gentes, acontecia ser muitas vezes reclamado deveras; e para taes casos os Inquisidores resolveram que, se o delicto por que o criminoso se refugiava fosse de pouca monta se disfarçasse toda a noticia do seu escondrijo; porém sendo de natureza grave se empregassem todos os meios para o prender, e sabindo infructuosos, para o assassinar. Se o fugitivo era nobre, por mais insignificante que fosse o seu delicto, devia ser immediatamente assassinado.

Quando um Embaixador estrangeiro sollicitasse perdão para qualquer proscripto deveriam tomar as medidas convenientes para indagar do caracter do réo; e se estava provado ser homem de mediana condição, de estragada moral, e de poucos meios, era provavel que podia alliciar-se para espia; e nesta conformidade se lhe dirigiriam propostas para se encarregar de *fiscalisar* a morada do Embaixador, perante quem, até em razão do favor que recebia, obteria verosimilmente familiar accesso; e ao qual, por consequencia, debaixo das apparencias de gratidão, podia mais facilmente atraçoar. Se algum nobre fosse relatar aos Inquisidores propostas, que lhe fizesse um Embaixador, seria authorisado para seguir a traiçoeira negociação, até que o agente intermediario fosse apanhado em flagrante: então, dado caso que não fosse o proprio Embaixador, ou o Secretario da Legação, mas sim algum agente secundario, de quem poderiam dizer se ignorava a qualidade, devia ser immediatamente afogado.

Por certo que a mais favoravel oportunidade para observar o Embaixador seriam as occasiões em que procurasse casas para residir: por isso era já lei estabelecida que se um Ministro estrangeiro quizesse alugar a um nobre a casa, o proprietario não poderia concluir o ajuste, sem primeiro obter permissão do Conselho dos Dez, que lhe prescrevia o methodo conveniente de effectuar o contracto, sem ter a minima comunicação com o estrangeiro, que lhe era expressamente prohibida. Porém para maior segurança ainda, determinavam os Estatutos que fosse examinada por cada um Inquisidor em separado, e com a mais escrupulosa particularidade, toda a casa indicada para habitação de um Ministro estrangeiro: a fim de decidirem se poderia estabelecer-se qualquer comunicação occulta com as casas de aluguer adjacentes, e se o telhado corria de nivel com os outros vizinhos, de modo que dêsse passagem de um para os outros. Se tal acontecesse a um nobre, seria este avisado para a largar, e cede-la a alguém de classe inferior “e se elle tiver uma migalha de bom juizo [diz o estatuto] entenderá e obedecerá.” Se o nobre sómente a trazia de renda, era logo mandado despejar, e o seu logar occupado por um espia, sendo as despezas da residencia costeadas, se preciso fosse, pelo Tribunal.

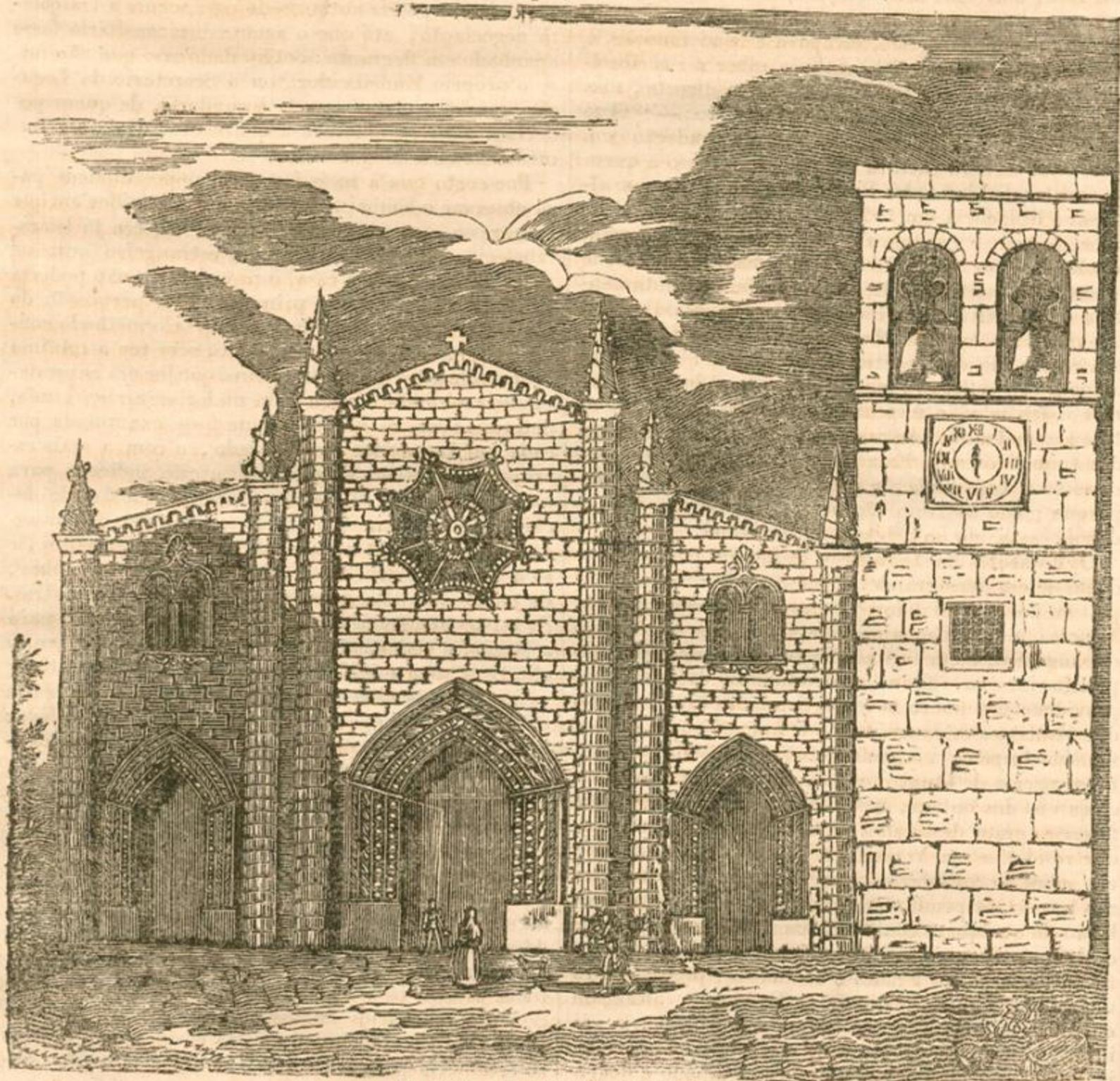
Os regulamentos de policia interna, são concebidos no mesmo espirito. Todas as manhãs, depois da sessão do Conselho Supremo, os Inquisidores se reuniam para discutir quaes eram as posses, habitos e caracteres daquelles nobres que tinham sido nomeados para alguns cargos do Estado. Dois espias, mutuamente desconhecidos, se deviam trazer no alcance daquelle em quem recahisse alguma suspeita, para seguirem todos os seus passos; e relatarem todas as suas acções. Se estes emissarios falhassem em descobrir alguma cousa de importancia, uma das pessoas mais destras se escolheria para ir visitar o nobre á noite, e offe-

recer-lhe alguma peita da parte d'algum Embaixador estrangeiro para a revelação dos segredos do Conselho. Se ainda resistisse a esta prova, mas não fosse immediatamente denunciar a confidencia, seria apontado no livro dos suspeitos, e sempre dahi em diante cuidadosamente observado. Se algum nobre, não estando a cumprir sentença de degredo, entrasse ao serviço de cõrte estrangeira, deveria ser chamado ao paiz: no caso de desobediencia todas as pessoas de sua intimidade seriam presas; e passados dois mezes de contumacia, se mandaria assassinar onde quer que se achasse; e fallando a tentativa seu nome seria riscado do *Livro aureo*. Se algum nobre fallando no Senado ou Grande Conselho divagasse do assumpto para materia, que fosse julgada prejudicial ao Estado, deveria ser no mesmo instante interrompido por um dos principaes d'entre os Dez; no caso que o orador lhe disputasse a sua authoridade, ou lhe dissesse algumas injurias, se não faria cabedal dellas no mesmo momento; porém, encerrada a sessão, deveria ser logo preso, processado conforme o delicto, e, quando se não podessem obter meios directos de convicção, executado particularmente. Quando a liberdade da discussão era assim coarctada nos corpos legislativos, não pôde servir de espanto que, por outra parte se impozessem restricções á conversação. Um nobre delinquente por indiscrição de lingua deveria ser admoestado por duas vezes; pela terceira infracção prohibido de ap-

parecer nos logares publicos e nos Conselhos, por espaço de dois annos; se passado este praso reincidisse, ou desobedecesse, o mandarião afogar por incorrigivel.

Taes são algumas das principaes disposições dos Estatutos deste celebre Tribunal, que por tanto tempo exercitou authoridade despotica sobre as vidas e bens dos Venezianos, e encheu seus espiritos de terror inexplicavel. Não eram os Inquisidores parcos no desempenho de seu horrivel systema: o mysterio e a brevidade da execução assombrava todos os cidadãos da Republica, e os habituava a occultar as suas opiniões com a maior cautela.

O Bispo Bumet refere, que quando esteve em Veneza, lhe affirmára pessoa de elevada jerarquia "que havia naquella cidade um envenenador geral, que recebia salario, e era empregado pelos Inquisidores para acabar com aquelles contra quem faria o processo publico um grande ruido." É o mesmo accrescenta: "Custa-me a acreditar, não obstante asseverar-me a pessoa, que m'o disse, que fõra o proprio irmão de um, que tinha sido sollicitado para acceitar aquelle encargo, quem lh'o descobrira." Todavia a existencia do officio é muito mais provavel [especialmente porque o veneno era uma das armas da Inquisição], do que haver quem fosse desinquietado para o acceitar, e depois o andasse divulgando com impunidade.



CATHEDRAL DE LAMEGO.

A CATHEDRAL antiga de Lamego, segundo a tradição que ácerca disto ha, foi Santa Maria de Almacave, Mesquita que havia sido de Mouros, e que os Christãos, quando tomaram a cidade, converteram em Igreja. O Templo, cujo frontispicio apresentamos, é a moderna Sé, edificada pelo Conde D. Henrique.

A cidade de Lamego, assentada em uma baixa, só se póde descobrir de mui perto. Uma legoa distante fica o rio Douro, e por junto lhe correm o Balsemão e o Fafel, que nasce nas visinhanças, e entra no Balsemão. E' no bairro, que fica do lado do Fafel, que a Sé está edificada. No meio da cidade, n'uma pequena altura, se vê o antigo castello, em grande parte arruinado.

De remotas epochas foi Lamego Diocese, e ainda durante o dominio dos Suevos; no qual tempo se acha ser um dos seus Bispos o celebre escriptor Idacio. Depois da invasão dos Arabes formou esta cidade e o seu territorio um pequeno reino mourisco. D. Affonso 3.^o de Leão a conquistou, e parece que nessa epocha ella estava mui abatida e despovoada; porque se refere te-la mandado este principe povoar de novo. Os Arabes brevemente a tornaram a reconquistar, volvendo successivamente, ora ao poder dos Mouros, ora ao poder dos Christãos, até que o Conde D. Henrique se apossou della, deixando-a debaixo do governo de Eicha, seu rei, que para este fim teve a politica de se fazer christão. Foi D. Affonso Henriques que a tomou para a corôa, tornando-se Lamego desde então celebre por causa das primeiras côrtes portuguezas, que se dizem alli celebradas, mas cuja existencia é hoje mais do que duvidosa.

A Sé de Lamego foi illustre pelas virtudes dos Bispos que ahi presidiram: mas devemos exceptuar do numero delles D. João da Silva, de quem se conta que ElRei D. João 2.^o, estando para morrer, o mandára chamar, e lhe dissera que uma só cousa lhe gravava a consciencia naquella hora extrema, que era o te-lo feito Bispo, dignidade que elle tinha deshonrado com o seu vicioso procedimento. Diz-se que esta reprehensão do Rei moribundo produzira tal effeito no espirito do dissoluto Prelado, que apertando a mão de D. João 2.^o, alli jurou mudar de costumes. Na capella mór da Cathedral estava sobre um retabulo a memoria deste acontecimento, a qual consistia em duas mãos cruzadas, junto aos pés de uma cruz, mandada pôr naquelle logar por D. João da Silva, que desde então foi o modelo dos Prelados. Caso este por ventura unico, em que um Rei, não muito santo, soube fazer o milagre de converter um Bispo desenfreado.

A posição de Lamego, no interior do sertão, fez com que o seu crescimento haja sido mui vagaroso. No principio do 6.^o seculo a sua população não excedia o numero de 1000 visinhos; porém durante tres seculos pouco tem augmentado, em comparação de outras cidades do Reino. Naquelle tempo era Lamego terra de grande tracto, e nella havia uma fabrica real de lonas, e varios outros estofos e fazendas, que ha muito deixou de existir. Aqui, antes do descobrimento da India, se fazia uma feira annual, a que os Mouros de Granada vinham vender as especiarías do Oriente, das quaes se abastecia todo o reino. Os impostos, que os reis pozeram aos mercadores que a ella vinham, não contribuíram menos do que a viagem de Vasco da Gama, para destruir este tracto, que depois de balde os moradores tentaram restabelecer, talvez, para outros objectos commerciaes. Por outra parte, a introdução de fazendas francezas acabou, nos reinados de D. Manoel e D. João 3.^o, com os teidos que se fabricavam nesta cidade.

Lamego é uma das povoações do nosso paiz, onde se conservam mais antigos monumentos dos tempos primitivos da Monarchia, e de que ainda para diante teremos occasião de fallar. As cercanias da cidade são montuosas, porem apraziveis e ferteis: alli se encontra abundancia de todo o genero de excellentes fructos: os ares são sadios, posto que as visinhanças do Douro ás vezes os engrossem de nevoeiros pesados. Em geral o paiz é selvoso, mas a verdura dos soutos e bosques é nas provincias do Norte, como uma compensação dos cerros escavados que se encontram em todos os paizes montanhosos, e que nellas são comuns, sobre tudo na Beira e no Minho.

A estampa que neste artigo damos representando a frente da cathedral de Lamego não é exacta, segundo o que ácerca disto nos diz o nosso correspondente naquella cidade. Asseveraram-nos, quando recebemos este desenho, que era fiel, e se nelle ha erro não é culpa nossa. Aproveitámos a reimpressão deste Numero do Panorama para assim o declarar aos nossos leitores.

ORIGEM DA TYPOGRAPHIA — TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA.

1.^o

Origem da Typographia.

Á INVENÇÃO da imprensa deve a Europa a sua civilização actual: é este um facto que hoje ninguem contesta: o indagar quem foi o seu inventor não é pois uma simples curiosidade, é antes um dever de gratidão. Esta indagação tem sido, com effeito, objecto de muitos livros e dissertações durante tres seculos, e dellas ha resultado uma serie de factos interessantes que, se não tem estabelecido indubitavelmente a verdade, ao menos produziram a este respeito um gráu de probabilidade, que toca as raias da certeza. Por esta razão, e por nos abstermos de discussões improprias deste logar, diremos o que nesta materia é provavel, sem nos embarçarmos com as opiniões menos fundadas, seguidas por muitos escriptores.

Cumpré antes de tudo distinguir as diversas maneiras de multiplicar as copias de qualquer original, estampando este sobre superficies planas, e as diversas fórmulas de preparar este original, para alcançar semelhante resultado. De feito, para formar o typo das diferentes copias que se quizerem tirar de um discurso, se podem empregar varios methodos; o gravar em uma prancha de páu, ou de metal, os caracteres, e estes serem profundados ou em relevo: o reunir caracteres moveis em um quadro, e com elles assim reunidos estampar o que se pretende: serem estes caracteres de metal, ou de madeira; e no primeiro caso, fundidos ou esculpidos: eis diversas maneiras de alcançar o mesmo resultado. Importa agora ver se a todos estes methodos, se póde chamar *Arte Typographica*, ou se tão sómente a alguns delles. E' isto que vamos examinar.

Ha uma arte, cuja origem se perde nas trévas dos tempos, pela qual se multiplicam os exemplares das moedas, dos monumentos, das pinturas, e de mil outros objectos: a esta arte se chama *gravura*. Desde os Egypcios, antes da invenção do alphabeto, ella é conhecida, e até nas linguas primitivas o verbo *escrever*

são como *gravar*, ou vem de raízes que exprimem esta idéa. E' verdade que ao principio a gravura se não multiplicava, e em cada objecto eram individualmente abertas ou resaltadas as letras ou os desenhos; mas os anneis, com que se asselavam as cartas, brevemente se inventaram, e depois os sellos, propriamente ditos, além das moedas effigiadas, que remontam a grande antiguidade. Ha memorias claras e irrefragaveis de que os Romanos gravavam letras em pranchas de metal ou de madeira, para ensinar os cegos a ler. Quintiliano recommenda semelhante systema para as creanças, e S. Jeronymo falla na invenção de letras soltas, gravadas com os nossos typos, para o mesmo fim. Em tempos modernos, no fim do 14.^o seculo, usava-se a impressão de estampas abertas em pau, e muitas acompanhadas de texto ou escriptura semelhante á da typographia, tanto que varios auctores olham como monumentos desta arte, o que apenas o é da gravura em pau, de que adiante fallaremos.

Mas nada disto era a typographia; porque, aliás, esta nunca teria sido inventada, antes fôra um aperfeiçoamento ou variedade da gravura; e porque o que propriamente a distingue desta, e a faz a mais preciosa arte, é a *mobilidade dos typos applicada á estampa dos discursos*. E' isto que indubitavelmente foi inventado na Europa, durante o 15.^o seculo.

Devemos comtudo confessar, que é extremamente provavel que a gravura, e sobre tudo a gravura de estampas acompanhadas de explicações, suscitasse a primeira idéa da typographia: mas pela historia desta se vê quantos trabalhos, e que perseverança foi necessaria para pôr por obra essa concepção admiravel.

Uma grande multidão de documentos, o testemunho dos mais respeitaveis escriptores contemporaneos, ou quasi contemporaneos, devem fazer-nos crer, que esta idéa occorreu pela primeira vez a João Guttemberg, natural de Moguncia, durante a epocha em que esteve estabelecido em Strasburgo, de 1424 até 1445.

Henne [João] Goenfleisch de Sulgloch, chamado tambem João Guttenberger, Gudenburch, Gudinberg, nasceu em Moguncia [Mainz] por 1398. Obrigado a sahir da sua patria, por causa de guerras civis, foi em 1424 estabelecer-se em Strasburgo, onde se conservou largos annos. Em 1439 teve uma demanda com os herdeiros de um certo *Dritzehn*, por causa de varias sommas, mediante as quaes Guttemberg tinha admitido este a entrar na empreza de uma *invenção maravilhosa*, que os havia de enriquecer a ambos. Pelas actas deste processo se prova que Guttemberg, quando morreu *Dritzehn*, em cuja casa estavam as machinas e aparelhos da *invenção maravilhosa*, mandara mui depressa desmanchar as *fôrmas*, para que os pedacos que ellas continham se confundissem, e se podessem amontoar debaixo da imprensa ou prelo.

Daqui se pôde concluir que foi em Strasburgo, que se fizeram as primeiras tentativas da arte typographica, sem comtudo se tirar ainda dellas alguma obra ou resultado.

Em 1445 Guttemberg voltou a Moguncia, sua patria: alli, sem duvida, continuou a trabalhar na sua invenção da typographia, ou estampa com *caracteres moveis*. Se estes eram de madeira, ou de metal, fundidos, ou gravados, é ponto que ainda não está decidido. Gasta a sua riqueza nessas tentativas, cansado de ter empregado tantos annos infructuosamente naquella empreza, Guttemberg não desanimára. Declarando o seu invento a João Fust ou Faust, cidadão de Moguncia, o tomou por socio, e ajudado pelo dinheiro e talento deste, pôde em fim ver o resultado de suas fadigas. A opinião mais provavel é que então os dous reunidos começaram a fundir as matrizes ou fôrmas, e a tirar nellas os typos metalicos em relevo.

Com estes imprimiram a celebre Biblia sem data, que deve ter sido impressa desde 1450 até 1455, e da qual um exemplar em papel existe na Bibliotheca publica de Lisboa.

Em 1455 Fust rompeu a sociedade que fizera com Guttemberg, e este, em consequencia das sommas que tinha recebido adiantadas, se viu obrigado a ceder-lhe os prelos e mais aparelhos da imprensa.

Em quanto durava a sociedade de Guttemberg e Fust, elles haviam feito entrar nella, para os ajudar, Pedro Schoeffer ou Schoyffer de Gernsheim, ou Pedro Opilio, nome alatinado de Schoeffer, que em allemão significa pastor. Este aperfeiçoou a composição dos typos, e completou a arte. O que para isto faltava, e em que consistiram os aperfeiçoamentos de Schoeffer, é difficil hoje dizer.

Fust deu sua filha em casamento a Schoeffer, segundo se conta, em attenção ao grande melhoramento que este havia feito na sua typographia. O sogro e genro, separados de Guttemberg, começaram então a imprimir varias obras. O haverem impresso só uma Biblia antes dessa separação, e o grande numero de volumes que depois della publicaram, prova que Schoeffer tinha feito progredir muitissimo a arte. O livro mais antigo com data, que existe, é da typographia de Fust e Schoeffer, e vem a ser o *Psalterio* [*Psalmorum Codex*], impresso em Moguncia em 1457, 1 volume em folio grande, reimpresso, tambem por elles, em 1459, anno em que publicaram o *Racional de Durando*. Em 1460 sahiu dos prelos de Fust e Schoeffer o livro das *Constituições de Clemente 5.^o*, e em 1462 uma Biblia, em 2 volumes de folio, conhecida pelo nome da *Biblia de 62*, da qual um exemplar existe na Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Ajudado por João de Meydenbach e Conrado Humer, Guttemberg estabeleceu, pouco depois da dissolução da sociedade que tivera com Fust e Schoeffer, outra typographia em Moguncia. O que com certeza chegou até nós desta nova officina, é o *Catholicon* de 1460, especie de Diccionario latino, precedido por uma grammatica. Nada mais nos resta de Guttemberg, que, elevado á cathegoria de nobre pelo eleitor de Moguncia, que juntamente lhe concedeu uma pensão, abandonou a arte, deixando a typographia aos seus collaboradores, os dois irmãos Bechtermunze, Spyes, e outros, os quaes em 1467 imprimiram em Elfeld o *Vocabularium ex quo*, especie de Diccionario latino-allemão.

Em breves annos a typographia se espalhou pela Europa. Em Bamberg appareceu em 1461 uma collecção de *Fabulas* em allemão, e no anno seguinte o livro das *Quatro Historias*, impresso por Alberto Pfister. Os typographos Mentel e Eggesteia imprimiam em Strasburgo por 1466, e em Colonia Ulrico Zell por 1465. Conrado Sweinheim, Arnaldo Pannartz e Ulrico Han introduziram esta arte na Italia, durante o pontificado de Paulo 2.^o, e em Subiaco, mosteiro situado na campanha de Roma, publicaram as obras de Lactancio em 1465. Sweinheim e Pannartz foram depois estabelecer-se em Roma, separados de Ulrico Han, que tambem ahi fundou uma typographia, imprimindo aquelles em 1467 as *Epistolas Familiares* de Cicero, e este as *Meditações* do Cardeal Turrecremata, no mesmo anno. João de Spira levou a imprensa a Veneza, e alli imprimiu em 1469, os livros de Plinio o naturalista. Em França começou a typographia em 1469. João de La-Pierre, prior da Sorbonna, mandou vir de Moguncia os tres impressores, Martin Crantz, Ulrico Gering, e Miguel Friburger, que assentaram seus prelos no edificio da Sorbonna, e começando a imprimir naquella anno,

tiraram á luz as *Epistolas de Gasparini*. Em Hollanda, apesar de alguns Hollandezes pretenderem que a typographia fosse inventada no seu paiz por Lourenço Coster desde 1430 até 1440, não apparece nenhuma obra impressa com caracteres moveis, anterior a 1478. Em Inglaterra é incerta a epocha da introdução da typographia; mas parece ter sido Caxton o primeiro impressor neste paiz, começando ahi a arte typographica depois de 1470. Da Hespanha falaremos quando tractarmos de Portugal.

Impressão tabularia.

Chama-se em geral *impressão tabularia* aquella que é feita com pranchas ou laminas solidas, como os *fac-similes* de qualquer escriptura, e as estampas de pau ou metal. Quando estas pranchas são de madeira, chama-se-lhe *impressão xilographica*; taes são os desenhos que damos no Panorama. Este genero de impressão é mais antigo do que a typographia, e é a sua historia que julgamos dever bosquejar, depois da noticia que demos desta maravilhosa arte.

A gravura em madeira e em cobre existia na Europa antes dos fins do 14.^o seculo e principio do 15.^o Foi porém neste tempo, que ella começou a estender-se á xilographia, ou para melhor dizer, á impressão tabularia. Esta era conhecida na China, segundo alguns auctores, 300 annos antes da era de J. C. Segundo outros, data naquelle paiz de epocha mais recente. O modo porque alli imprimem é o seguinte. Um bom copista transcreve o livro, que se pretende estampar, em um papel subtil e transparente: o gravador gruda cada folha sobre uma prancha de pau duro e lizo, depois com um ferro bem affiado vai resaltando os caracteres, e vasando o resto da superficie da lamina, até a pagina ficar composta.

O impressor tem duas escovas, uma que serve para dar a tinta nos caracteres, avultados na prancha em relevo, e outra, muito macia, com que corre por cima cada folha de papel, apertando-a assim contra a prancha gravada. E' este papel tão fino, que, bem longe de poder servir para a impressão nos nossos prelos ordinários, nem sequer nelle se poderia estampar á mão, methodo que usamos para tirar provas. Uma folha de impressão é, como na Europa, composta de varias paginas, e assim as pranchas se collocam umas ao pé das outras separadas com regretas, as quaes são tambem entalhadas pela borda com ornatos variados, de tal maneira, que depois do livro encadernado, fica cheio de adornos pelas margens das paginas. Como o papel pela sua finura não póde ser impresso senão de um lado, as pranchas se dispoem ao comprido, fazendo uma longa tira, e o papel [que tem a mesma fórma], depois de estampado, se dobra de modo, que cada pagina se une pelo inverso com a pagina immediata, á qual se gruda, ficando assim consistentes as folhas do livro.

Os Chins, apesar de terem noticia do systema typographico dos Europeus, conservam a arte na infancia, como o fazem ás outras artes, aos costumes, ás instituições, ás leis. A impressão xilographica de que usam tem porém algumas vantagens: as fórmas esculpidas conservam-se inteiras para repetidas edições, do mesmo modo que na stéotypia da Europa, sem como esta terem o defeito de absorver uma grande porção de metal: sendo as pranchas de madeira boa e rija, como o buxo, sorveira, ou bambú, podem tirar com ellas cem mil exemplares, sem que os typos cansem: o preço porque neste caso sãe cada exemplar é extremamente barato.

A impressão tabularia estava pois, como já disse-mos, em uso na Europa antes do principio do 15.^o seculo; mas foi neste tempo que ella se tornou mais

frequente. Applicavam semelhante genero de impressão a multiplicar as copias dos desenhos, que nessa epocha se estimavam, e buscavam muito na Allemanha e na Italia. Appareceu então um grande numero de gravadores, que abriam em pau duas castas de estampas bem diversas — as cartas de jogar e as imagens — que se intercalavam nos livros communs de resa. Copiaram-se para estes os contornos das figuras de santos e das scenas biblicas, que andavam pelos missaes e mais livros ecclesiasticos, copiados e ornados pelos copistas dos mosteiros. O povo gostava muito destas estampas, e pouco a pouco lhes foram ajuntando explicações gravadas na mesma taboa, em que se abria o desenho. Isto produziu a impressão tabularia dos discursos, e deu provavelmente as primeiras idéas de typographia.

Os mais antigos monumentos, que nos restam desta especie de gravura, são as chamadas *Biblias dos Pobres* [*Biblia Pauperum*], compostas de representações tiradas da Escriptura, e acompanhadas de textos apropriados. Dellas ha 5 edições diversas sem data, mas que provavelmente se imprimiram de 1430 a 1450. Quatro se compõem de 40 folhas, e uma de 50, do tamanho deste jornal, e impressas de um só lado. Pelo mesmo tempo, em que estas appareceram, se estamparam muitas outras obras, que seria longo enumerar, entre as quaes as mais celebres são o *Espelho da Salvação* [*Speculum salutis*] e o *Donatus*, especie de grammatica, de que se usava na idade media, e que geralmente se crê ser um compendio da de Elio Donato, grammatico romano do 4.^o seculo.

D'ambas estas obras, de que se tiraram repetidas edições tabularias, restam varios exemplares, que mostram haverem nellas feito os inventores da typographia as suas primeiras tentativas de imprimir com caracteres moveis, talvez primeiramente de pau, e depois fundidos. E' o que é mais notavel, é que em alguns dos exemplares, que se conhecem hoje, apparecem as diferentes graduações porque se chegou á typographia. Em uns, estampas e textos são inteiramente gravados em pranchas solidas; n'outros, o texto parece impresso com typos moveis de madeira; n'outros, em fim, o texto é estampado com typos fundidos, e inteiramente iguaes aos com que foi impressa a Biblia sem data de Guttemberg e Fust, de que já acima fallamos.

Nestes, e nos antecedentes, a côr da tinta é um dos argumentos de haver sido o texto impresso de diversa maneira das figuras ou estampas. A côr destas é um preto desmaiado, e a daquelle é negro, semelhante á das edições indubitavelmente typographicas. Isto apparece em varias edições dos *Donatus*, dos quaes o bibliographo Fischer aponta dois, em que o texto é impresso com os caracteres da Biblia sem data.

Depois que a arte typographica se começou a espalhar pela Europa, a impressão tabularia se foi reduzindo, e se tornou nos livros uma parte secundaria da typographia. Os impressores do 16.^o seculo empregaram a gravura em pau para estampar as letras iniciaes, os rostos dos livros, e os adornos que usavam nas margens das paginas, e sobre tudo no principio e fim da obra, e que substituiram as pinturas feitas á mão, com que se ornavam as edições do 15.^o seculo, onde se deixavam largas margens, e as iniciaes em branco, para se pintarem de côres variadas e ouro, com que ficavam imitando os antigos manuscriptos.

Circumstancias notaveis das primeiras edições.

Os caracteres, com que se começou a imprimir, são extremamente cheios de angulos, e linhas, que sãem destes, e que tornam difficil a sua leitura, para os pouco versados no exame dos manuscriptos do 15.^o

seculo. Estes caracteres apparecem só nas edições tabularias. Os inventores da typographia introduziram uma letra menos angulosa, a qual ainda hoje é a letra de imprensa em Allemanha, e que de novo começa a usar-se nas outras nações para os frontispícios dos livros e rubricas [titulos] dos capitulos. Da-se-lhe vulgarmente o nome de *letra allemã ou flamenga*.

O *redondo* ou *romano*, que hoje usamos, começou na Allemanha em 1472, e dalli se estendeu para o sul da Europa, d'onde foi pouco a pouco expulsando o caracter allemão: na Belgica misturaram-se um com outro, e apparecem edições daquelle paiz, em que simultaneamente se empregaram ambas as fórmas de caracter.

O *italico* ou *veneziano*, cuja origem vem da letra cursiva da Chancellaria romana, foi inventado em Veneza pelos celebres *Aldos*, impressores daquelle cidade, cujas primeiras edições foram em redondo; passando ao italico, de que quasi constantemente usaram durante mais de um seculo, que existiu aquella typographia na familia dos *Aldos*.

Os primeiros monumentos typographicos são tão cheios de abbreviaturas, que mais ainda por este motivo, do que pela fórma dos caracteres, se torna grandemente difficil a sua leitura. Já por aquelles tempos os breves embaraçavam tanto os leiteres, que em 1483 se publicou um livro em latim, com o titulo — *Do modo de ler as abbreviaturas*.

Os reclusos, ou chamadas no fim da pagina, que consistem nas primeiras letras da pagina seguinte, não se usavam no principio da typographia, como em nossos dias tambem caíram em desuso. A numeração das paginas começou a marcar-se em 1469, mas falta ainda em edições muito posteriores, e ordinariamente se apontava só no recto da folha, de modo que era antes o numero destas que se pertendia indicar, do que o das paginas.

Os *alinea*, ou principios dos paragraphos, apparecem muitas vezes sahindo fóra do alinhamento perpendicular da pagina, outras vezes perfeitamente iguallados com este, outras em fim reintrantes, como ainda costumamos. Em quasi todas as primeiras edições os livros não tem rosto, ou quando muito, em logar deste, uma linha ou duas em letras minusculas, que indicam brevemente o contheudo da obra. Estes são os mais vulgares signaes, por onde se conhecem as edições do seculo 15.^o, cujo preço em geral é grande. A ignorancia destas circumstancias tem feito com que do nosso paiz tenham sahido tantas preciosidades deste genero, que os estrangeiros muitas vezes compram por um preço assaz modico.

Os livros foram no principio da typographia mui caros: porque as despesas necessarias para imprimir qualquer obra eram muitissimo maiores. A obra, que hoje custaria um quartinho, custava então a somma de umas poucas de moedas; porque além das grandes despesas que se faziam, não se tiravam ordinariamente mais de trezentos exemplares de cada obra. Daqui nasceu em parte o serem hoje alguns desses primeiros livros tão raros, que se tem chegado a pagar ultimamente um volume por uns poucos de mil cruzados.

A resposta heroica.—Quando o Proconsul romano Decio Junio Bruto campeava na Lusitania, sujeitando-a quasi toda, e levando suas armas vencedoras até o rio Minho, uma só cidade, que se chamava Cinania, se teve firme e constante, resistindo ao vencedor orgulhoso. Bruto, ou porque lhe não convinha demorar-se na expugnação da cidade, ou porque receou não a poder render, mandou propôr aos habitantes, que se elles quizessem remir-se a dinheiro, os deixa-

ria em paz. Os nobres e generosos Lusitanos responderam: “*que seus maiores lhes haviam deixado ferro, com que defendessem a sua liberdade, e não ouro, com que a comprassem a um general avaro.*” Esta resposta é tão magnanima, que Valerio Maximo, referindo o caso, acrescenta, que *mais quizeriam os romanos have-la dado do que ouvido*.

Durante a guerra de Viriato na Lusitania, succedeu que Caio Minicio, tribuno da legião decima-gemina-romana, ficasse mortalmente ferido em uma batalha: e como fosse deixado por morto no campo, e desamparado e abandonado do seu capitão e camaradas, um cavalleiro lusitano, por nome Ebúcio, o salvou, e o mandou curar e tractar. O tribuno sómente viveu alguns dias; mas antes de morrer de suas feridas, mandou lavrar uma lapida, e nella deixou aos vindouros um testemunho perenne de reconhecimento e gratidão á piedosa humanidade, com que fóra tractado pelo generoso inimigo, declarando que morria triste e magoado por não poder retribuir tamanho beneficio da maneira que convinha a um romano. A lapida ainda se conservava no tempo de Resende; e della diz, com razão, Diogo Mendes de Vasconcellos, que é de todos os monumentos que temos daquelle antiga idade, o mais digno de perpetuar-se na memoria dos lusitanos, por conter um illustre exemplo de piedade, raro em inimigos, e tão admiravel, que a gente lusitana se devera gloriar delle, não menos que das proprias victorias do seu insigne capitão.

O Accio da India.—Os bramenes não podem sofrer que um europeu tire o lenço e depois de assoar-se o torne a metter na algibeira: isto lhes causa extrema nausea e lhes perturba a cabeça, porque elles o fazem com muita mais limpeza do que nós. Quando um bramene precisa assoar-se, sae do logar onde está retira-se para um canto, agarra o nariz, assoa-se na palma da mão—limpa-a á parede—e volta ao logar onde estava, tendo feito esta operação com todo o accio possivel.

Affeição de um Lobo.—Para adornar a descripção da estrutura dos animaes Mr. Decandolle, professor de Historia natural em Genebra, introduzia nas suas lições varias particularidades interessantes ácerca do que elle chamava *moral dos animaes*, ou, como nós dizemos, das suas disposições naturaes, e as mudanças que nelles se podem fazer, quando sujeitos ao dominio do homem. Entre outros exemplos da affeição, que por vezes até os lobos tem mostrado a seus donos, referiu um caso acontecido nas visinhanças de Genebra. Madame M. . . tinha um lobo domestica-do, que mostrava á dona a mesma amizade que lhe poderia ter um cachorrinho. Teve ella necessidade de sahir de casa por algumas semanas: o lobo vendo-a desapparecer, mostrou a maior afflicção possivel, e por muitos dias regeitou o alimento. Durante a ausencia de sua dona o pobre animal parecia muito abatido. Ella voltou, em fim; ao sentir-lhe os passos, o lobo correu ao quarto, onde ella estava, transportado de alegria: ergueu-se em pé, e poz-lhe as patas sobre os hombros: porém, no mesmo momento, caiu para traz e instantaneamente expirou.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal
N.º 55 = 1.º andar.

LISBÔA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.